

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

NOVAS E VELHAS DISTINÇÕES NA COMUNIDADE ARTESÃ DO ALTO DO MOURA: TENSÕES EMERGENTES ENTRE MEMBROS-PROPRIETÁRIOS DE NEGÓCIOS NO SÉCULO 21

Marcio Gomes de Sá (GEIA/UFPE) - marciodesa@gmail.com

Professor UFPE - Universidade Federal de Pernambuco - Pesquisador do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) - PE

Denise Clementino de Souza (GEIA/UFPE) - profadenisesouza@gmail.com

Professora UFPE - Universidade Federal de Pernambuco - Pesquisadora do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) - PE

Jessica Rani Ferreira de Sousa (GEIA/UFPE) - jessica_rani@hotmail.com

Professora AEB-FBJ - Faculdade do Belo Jardim - Pesquisadora do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) - PE

Bárbara Tainá Leal (GEIA/UFPE) - lealbarbara18@gmail.com

Graduanda UFPE - Universidade Federal de Pernambuco - Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) - PE

Shirley Kevilen da Silva (GEIA/UFPE) - shirley_kevilen_@hotmail.com

Graduanda UFPE - Universidade Federal de Pernambuco - Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) - PE

Tatiane Florencio de Lima Silva (GEIA/UFPE) - tflorencio.eco@gmail.com

Graduanda UFPE - Universidade Federal de Pernambuco - Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) - PE

A dimensão social e os elementos contextuais que afetam marcadamente a construção e o devir de um mercado periférico (como o caso da produção e comercialização de peças de barro no Alto do Moura-PE) parecem merecer, aos nossos olhos, atenção dos Estudos Organizacionais. Diferente dos grandes centros de negócios nacionais e internacionais e das condições e práticas de *management* neles mais recorrentes, as pessoas que possuem negócios em uma comunidade artesã no interior nordestino se defrontam e se (re)constituem em meio a problemáticas próprias que interferem de forma significativa e contemporânea no seu modo de vida e trabalho.

O cotidiano de tais negócios periféricos, não somente as casas-lojas-ateliês, mas também os demais que se proliferaram nos últimos anos (mercadinhos, lanchonetes, salões de beleza, bares, restaurantes populares etc.), como esforço alternativo de geração de renda diante das dificuldades encontradas por muitos em seguir no artesanato, se dá no seio da família, em meio ao crescimento dos filhos e aos momentos de entretenimento e lazer. O convívio com os vizinhos é íntimo, por muito tempo se costumou deixar portas abertas e entrar na casa do lado sem maiores cerimônias. Muitos são irmãos, primos, ou amigos de infância que se casam entre si. A relação de compadrio é forte, o que ainda os vincula e nutre o pertencimento que sentem em relação à comunidade. Por lá se costumava ouvir, “aqui todo mundo conhece todo mundo”, ou melhor, conhecia...

Nos últimos anos, o crescimento desordenado do seu núcleo habitacional, a ocupação difusa do seu perímetro geográfico por novos espaços habitacionais ou mesmo de produção (como é o caso do distrito industrial lá instalado), a circulação corriqueira de muitas pessoas desconhecidas, a redução do uso do espaço público comunitário (em decorrência da criminalidade que se avolumou recentemente), as mudanças no modo de se relacionar entre si, bem como as contradições de gênero evidenciadas com a insurgência das mulheres como protagonistas, enfim, tudo isso passou a também compor a trama na qual estão embebidos aquela gente e seus negócios no século 21.

Com forte identidade cultural e econômica ancoradas no artesanato em barro, o Alto do Moura está situado a 7 km do centro do município de Caruaru-PE. A atividade nessa localidade foi transmitida na comunidade por meio das louceiras, mulheres que se dedicavam à produção utilitária em barro (FERREIRA; SILVA FILHO, 2009; SILVA, 2016).

Ao ver sua mãe trabalhando nesse ofício, Mestre Vitalino, ainda menino, brincava com o barro e dele fazia seu passatempo. A literatura aponta que produziu sua primeira peça de barro em 1915, ainda aos seis anos, quando a levou para vender na feira junto às peças da mãe (MELLO 1995; ROCHA, 2014). Esse é visto por muitos como o mito fundador da arte figurativa em barro do Alto do Moura.

O convite feito a Vitalino para participar da I Exposição de Cerâmica Pernambucana, em 1947, no Rio de Janeiro, marca o início da sua trajetória nacional. Nesse período, “a arte dos bonecos em barro” ganhou projeção e o ofício já era progressivamente partilhado por muitos no Alto do Moura (LIMA et al, 2014). Se no início do século o artesanato funcionava como uma forma de mulheres e crianças contribuírem com a economia doméstica, com a projeção nacional e o estabelecimento da família de Vitalino no Alto do Moura – mesmo após sua morte, em 1963 –, o lugar se consolidou como povoado artesão (ROCHA, 2014).

Foi na virada do século passado para este que surgiram as bonecas de barro, produzidas em um padrão diferente do fazer artesanal e ícone da produção em série no Alto do Moura. Esse período também é tomado pelo aumento da concorrência interna e pela chegada de novas pessoas interessadas em aprender o ofício e viver dele.

Nos últimos anos, a atividade entrou em crise para muitos e a comunidade passou a viver tensões que não eram evidenciadas anteriormente. Em síntese, o Alto do Moura – que havia sido transformado em bairro no início da década de 1980 – segue sofrendo mudanças

que hoje estariam aproximando-o cada vez mais do que se pode entender por um bairro suburbano brasileiro, com as mais diversas carências e problemáticas a isso inerente.

Segundo a literatura nacional contemporânea, o artesanato é uma atividade presente em cerca de 64,3% dos municípios brasileiros (IBGE, 2007), destacando-se como uma das principais manifestações culturais e artísticas do país. Mapeamento realizado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio apontou que existe uma média de 8,5 milhões de artesãos no Brasil (BRASIL, 2013).

Dada a importância de pensar o caráter histórico e contextual que molda as condições nas quais se desenvolve a atividade artesã, vale a pena ressaltar também que a produção de artesanato ocorre, tradicionalmente, no âmbito das famílias, com uma forma de suprimento das necessidades da mesma, em situações, em geral, bastante próximas da autossuficiência (CARVALHO, 2001). Conforme descreve Araújo (2006), tomando-se o exemplo do artesanato em barro, no Tope, em Viçosa-CE, é importante destacar que a atividade encontra-se, normalmente, mesclada ao cotidiano familiar, não havendo horários específicos ou separados para a feitura do artesanato, o preparo de alimentos, a realização de tarefas domésticas e o cuidado de animais e dos filhos.

Muito embora boa parte dos estudos, que se referem ao artesanato pela perspectiva da aprendizagem do saber artesanal em núcleos familiares, resgatem aspectos da construção identitária e cultural do artesão e de suas peças como fruto do contexto sociocultural local (BRANDÃO; SILVA; FISCHER, 2012; OLIVEIRA; CAVEDON; FIGUEIREDO, 2012; CASTILHO et al. 2017), é importante ressaltar, por outro lado, os estudos que envolvem a cadeia produtiva do artesanato, e os esforços de expansão do foco local da atividade para um espectro mais amplo (FREITAS, 2006; RAMOS, 2013). Diferentemente de ambos, o modo como o artesanato local está imbricado no tecido social do Alto do Moura nos desafiou a voltar nossos esforços investigativos para construção das tensões enumeradas mais adiante.

Considerando tanto o contexto local quanto a literatura nacional, aqui se toma como objetivo caracterizar e relacionar tensões disposicionais emergentes entre membros-proprietários de negócios na comunidade artesã do Alto do Moura. Ressalva-se desde já que não se tem a pretensão de se fazer conclusivo, se visa apresentar avanços de um trabalho em progressão.

A estruturação de todo o trabalho investigativo do qual este resumo toma parte¹ vem sendo norteada pela convicção no construtivismo epistemológico como abordagem-prática pertinente à pesquisa social contemporânea. O que está no cerne do que aqui se entende por tal construtivismo é a condição criadora inerente a este tipo de prática, ou seja, se aceita que os pesquisadores são responsáveis pela criação – por meio e ao longo de sua atuação reflexiva – daquilo que apresentam como conhecimento.

Há ao menos três aspectos da trajetória e do legado de nossa principal inspiração, a epistemologia consagrada sob a assinatura de Pierre Bourdieu, que são decisivos à elaboração da noção de “tensão disposicional emergente” que orienta o desenvolvimento deste trabalho: a) sua experiência original de pesquisa na Argélia de meados do século passado; b) a importância que consagrou à construção do objeto em sua epistemologia e prática de pesquisa; e c) a intencionalidade que observava em sua maturidade na noção de *habitus*.

A noção que elaboramos para nos servir de instrumento teórico pode ser lida como uma ressignificação contextualizada da noção de *habitus*. Enquanto esta tende a destacar o passado incorporado pelos indivíduos que se faz presente nas disposições, propensões e apetências que explicita por meio de suas práticas, a noção de tensão disposicional emergente

¹ Os trechos referentes à perspectiva teórico-epistêmica e à metodologia deste trabalho também compõem um segundo resumo submetido para avaliação e possível apresentação no V CBEO, ambos são oriundos do mesmo projeto de pesquisa, muito embora se voltem para elaboração e análise de diferentes temas.

(ou daqui em diante, tensão emergente ou apenas tensão) procura destacar o confronto de tal herança com as forças contextuais que afetam o individual e o coletivo na extensão de um agrupamento social localizado, como é o caso da comunidade artesã do Alto do Moura. Herda o caráter heurístico e o núcleo disposicional daquele conceito bourdieusiano, porém nos serve para elaborar sobre como as mudanças contextuais e geracionais (em termos de ocupações, modos de vida, juízos de valores e horizontes de futuro, por exemplo) estão sendo incorporadas por alguns membros daquela comunidade que, mesmo tendo uma origem social um tanto comum entre si, estão tomando rumos relativamente distintos em suas trajetórias de vida e trabalho. Tem a condição de instrumento teórico-exploratório, ou seja, serve como uma bússola para seguir adiante com o trabalho de campo, organizando-o em função dos temas que governam nossos interesses investigativos.

De modo associado a tal elaboração teórico-epistêmica, o pluralismo metodológico foi adotado como estratégia. Assim, diversas frentes de pesquisa foram abertas. Para explorar assuntos principalmente relacionados aos temas artesanato, comunidade artesã e Alto do Moura, empreendemos a reunião e a revisão de estudos já publicados sobre a localidade caruaruense (oriundos de diversas áreas), bem como sobre questões relacionadas ao artesanato no Brasil deste século (estando aqui inclusa a produção em Estudos Organizacionais sobre o tema). Em particular no que se refere ao Alto do Moura, também foram reunidas diversas notícias veiculadas na imprensa escrita e televisiva local (*clipping*).

Em termos de trabalho de campo, a maior parte se deu ao longo do segundo semestre de 2017 e início de 2018 e possibilitou a elaboração de informações primárias. Foram realizadas 29 entrevistas semiestruturadas com o público de interesse da pesquisa (membros das comunidade proprietários de negócios de artesanato e de outras naturezas); 05 entrevistas semiestruturadas com formadores de opinião de diversas áreas; observações diretas (com notas de campo e outras assistemáticas); centenas de fotografias foram tiradas, selecionadas, tratadas e arquivadas; além de 03 grupos focais com públicos específicos de interesse.

O fato deste ser um trabalho em progressão não nos impede de enumerar a seguir as tensões emergentes elaboradas no seu curso e aqui mapeadas, nem de registrar questões com o potencial de orientar o seguimento da pesquisa ou mesmo vir a inspirar outras iniciativas do gênero.

(1) A primeira tensão emergente caracterizada está principalmente relacionada aos conjuntos habitacionais mais recentes e aos seus novos moradores de baixa renda. Diferentes são as posições em relação à chegada dos novos conjuntos habitacionais nas proximidades, alguns dos entrevistados expressaram incômodo e insegurança em relação aos novos moradores, reforçando em suas falas uma associação direta entre a chegada deles e o aumento da criminalidade na comunidade, “é a questão do vizinho, quem chegou trouxe a violência”. Além da segurança, outros problemas relatados estão relacionados a questões como a infraestrutura atrelada a mobilidade urbana da comunidade, pois com a construção de novos loteamentos e conjuntos habitacionais no entorno, também aumentou o fluxo de pessoas no transporte público, dificultando o acesso para todos. Um dos entrevistados relata um acontecimento que o marcou: “minha esposa foi pegar um ônibus, olhou e não viu uma pessoa conhecida aí disse: ‘oxê, mas será que tô no ônibus certo?’” E finaliza, “o Alto do Moura é outro, cresceu demais”. Por outro lado, alguns acreditam que a vinda de novas pessoas é um avanço e pode contribuir com os negócios da comunidade, “porque aí gira mais gente e aumenta o fluxo do dinheiro [...] quanto mais engajado com eles, melhor para o meu comércio”. Apesar de expressarem posições distintas, a maioria dos entrevistados pondera ao falar sobre o relacionamento com os novos vizinhos e se expressam de modo um tanto paradoxal em termos como os seguintes: “é aquela coisa, a gente tem que se dá bem com todo mundo, mas nem todo mundo você conhece”. Composta por um misto de preconceito de classe, associação objetiva da chegada dos novos vizinhos à onda de ocorrências criminais e

insegurança social (quem são esses que agora convivem conosco?), as posições distintas sentidas, vividas e expressas pelos entrevistados ilustram os modos como essa novidade está sendo recebida entre eles.

(2) Ainda hoje é possível ouvir depoimentos embebidos por uma “visão romântica” dos laços comunitários no Alto do Moura, mas há também visões e práticas contrastantes em relação a outros públicos que chegam pra fazer morada no bairro nas últimas décadas, bem como mudanças no modo de se relacionar com a coletividade que se manifestam diversamente. Por um lado, os vínculos originais das famílias mais antigas (tradicionalistas) parecem estar, em alguma medida, se afrouxando com o devir das novas gerações e com a chegada ao século 21, por outro, uma versão localizada da competição de mercado (que se materializa nas bonecas produzidas em série, no modo predatório como seus preços tem concorrido e na centralidade da figura do atravessador no negócio do artesanato) parece ganhar mais espaço nas ruas e por entre os membros da comunidade – isso sem falar no crescente número de jovens que se aventuram em ocupações urbanas e industriais, trazendo incorporado em si, para o seio da comunidade, outros estilos de vida e trabalho. Esses modos emergentes de se relacionar entre si estariam tensionando as bases sobre as quais foram soerguidas aquele padrão de vida comunitária. Diferem da tensão anterior por seu caráter mais intrínseco, mas se relacionam àquela pela contemporaneidade e modo como está sendo incorporada no seio daquele corpo social.

(3) As questões de gênero ficam mais evidentes quando observamos o protagonismo da mulher na manutenção da atividade do artesanato, sustentação do seu negócio e liderança no bairro, em contraste com algumas que exercem o papel de coadjuvante no negócio do artesanato, pois estão limitadas a trabalhar na parte do processo produtivo mais desvalorizado, como é o caso da pintura. Outra tensão é a condição da mulher na manutenção de sua ocupação, aspecto dificultado pela duplicidade de papéis da artesã no que tange a conciliação do trabalho no artesanato com o trabalho doméstico.

As tensões que por ora habitam o Alto do Moura não se esgotam em si mesmas. Nem sequer se esgotam na própria comunidade. Todas as tensões aqui analisadas e evidenciadas sugerem que muito mais há para se refletir sobre o que se incorpora (individual e coletivamente), no processo que se dá entre o “moldar” e o “moldar-se” dos membros da comunidade, uma vez que se mostram relacionadas a uma dinâmica de mudanças mais complexas pelas quais o Alto do Moura também vem passando. Por fim, nos perguntamos: como é possível avançar na caracterização dos desdobramentos simbólicos e objetivos associados a estas tensões? Como seguem repercutindo na dinâmica de vida e dos negócios na comunidade? Talvez estas sejam as questões que mais nos desafiem a seguir adiante.

Principais referências

ARAÚJO, D. M. M. de. **João e Maria de Barro - Quem São? As Loiceiras do Tope, em Viçosa do Ceará**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Dissertação. UFPE, Recife: 2006.

BARANGER, D. **Epistemología y metodología en la obra de Pierre Bourdieu**. 2ª. edición (1ª. electrónica). Posadas, 2012.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

BRANDÃO, P. M.; SILVA, F. R. M.; FISCHER, T. Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de créditos de destinos turísticos e papel de sustentabilidade na proporção de vantagem competitiva. **Tourism & Management Studies**, v. 1, 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Programa do artesanato brasileiro**. Brasília, 2013.

CARVALHO, H. C. B. de. **Artesanato de caixeta em São Sebastião – SP**. Mestrado em Recursos Florestais. Dissertação. USP, Piracicaba: 2001.

CASTILHO, M. A.; DORSA, A. C.; SANTOS, M. C. L.; OLIVEIRA, M. M. G. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 18, n. 3, p. 191-202, Set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122017000300191&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01/05/18.

LIMA, L. R.; MIRANDA, L. C.; SANTOS, A. A.; VASCONCELOS, M. T. A arte do barro: um estudo sobre a perspectiva do conhecimento empírico para o controle patrimonial em Caruaru – Pernambuco. **Revista Registro Contábil – ReCont**. UFAL. Maceió, v. 5, n. 3, 2014.

MELLO, P. C. de. **Vitalino, sem barro: o homem**. Fundação Assis Chateaubriand, Ministério da Cultura, 1995.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R.; FIGUEIREDO, M. D. O artesanato na ótica de quem o produz: com a palavra os artesãos do Brique da Redenção em Porto Alegre. **RIGS-Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.1 n.3 set. / dez. 2012. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/viewFile/10056/7185>. Acesso em: 01/05/18.

RAMOS, S. P. Políticas e processos produtivos do artesanato brasileiro como atrativo de um turismo cultural. **ROSA DOS VENTOS - Turismo e Hospitalidade**, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1741>. Acesso em: 30/04/18.

ROBBINS, D. The socio-genesis of the thinking instruments. In: ROBBINS, D. **Bourdieu and culture**. Londres: Sage, 2000.

ROCHA, D. N. **“A arte é para todos”**: patrimônio cultural, tradição de conhecimento, processos sociotécnicos e organização social do trabalho entre os artesãos do Alto do Moura. Mestrado em Antropologia. Dissertação. UFPB, João Pessoa: 2014.